



**PEDAGOGIA HOSPITALAR: UM CAMPO A SER EXPLORADO.
O que a pesquisa e a prática nos revelam?**

Sheyla Maria Rodrigues Silva¹
Sheylarodrigues63@gmail.com
Samantha Maria da Silva Oliveira²
Samanda917@gmail.com
Larissa da Silva Oliveira³
laryoliveiragirl@gmail.com

RESUMO

O pedagogo possui uma diversidade de campos de atuação, formais e não formais, sendo um dos espaços os ambientes hospitalares. No Estado de Alagoas, pouco ainda se conhece este tema, se refletindo assim na ausência destes profissionais atuando nos hospitais. O presente trabalho caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa e prioriza a pesquisa bibliográfica. Esta pesquisa tem como finalidade, mostrar a importância do pedagogo nesses espaços, permitindo assim que se possa desenvolver ações pedagógicas para crianças que se encontram impossibilitadas de frequentar a escola, além de mostrar dados coletados através do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica- PIBIC. Assim, relacionando a importância da pesquisa sobre o tema e como a mesma pode contribuir para fortalecer a compreensão da atuação do pedagogo nesse ambiente. Os resultados mostram que apesar da importância de classes hospitalares, o Brasil ainda não conseguiu avançar sobre este tema. O referencial teórico utilizando neste trabalho se fundamenta em Souza e Wolf (2014), Silva e Oliveira (2016), Oliveira (2013) e Matos e Mugiatti (2009), os quais foram fundamentais para o entendimento desta temática.

PALAVRAS-CHAVE: Pedagogia Hospitalar; Classe Hospitalar; Prática Pedagógica.

1 INTRODUÇÃO

A pedagogia hospitalar no Brasil iniciou-se em 1950 no estado do Rio de Janeiro, como afirma Oliveira (2013) e Cavalcante, Guimarães e Almeida (2015),

¹ Graduanda do curso de Pedagogia na Universidade Federal de Alagoas. Voluntária do Projeto de Extensão: Estudar, não importa o lugar.

² Graduanda do curso de Pedagogia na Universidade Federal de Alagoas. Colaboradora do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) sob o nome Classes Hospitalares: Desafios contemporâneos da gestão educacional.

³ Graduanda do curso de Pedagogia na Universidade Federal de Alagoas. Colaboradora do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) sob o nome Classes Hospitalares: Desafios contemporâneos da gestão educacional.

porém sua inserida na área da saúde aconteceu aos poucos. Entretanto, de acordo com Oliveira (Ibid), existem registros de classes hospitalares antes da década de 50, visto que no início do século XX, as crianças eram internadas em manicômios por diferentes motivos, desde situação econômica dos pais até serem diagnosticadas com deficiência mental.

O objetivo inicial de atendimento pedagógico hospitalar era baseado no cuidado de crianças especiais, que se encontravam em situação de hospitalização, possuindo assim uma proposta assistencialista e não pedagógica. Aos poucos essa visão foi sofrendo mudanças, que permitiram uma ampliação do seu foco, o que antes era algo definido para somente atender crianças especiais hospitalizadas, agora se amplia para que outras crianças e adolescentes sejam atendidos, buscando auxiliá-los segundo Cavalcante, Guimarães e Almeida (2015, p.10) “nas habilidades sociais, leituras, atividades lúdicas”, já que sua frequência na escola é uma das atividades de sua rotina afetada pela internação.

Com a implementação dessa nova visão de pedagogia hospitalar se permitiu que as crianças e adolescentes tivessem acesso à educação, porém, também buscou levar a criança a compreender o contexto ao qual estar inserida, como descreve Silva e Oliveira (2016, p. 04):

A pedagogia hospitalar é um trabalho especializado bastante amplo que não se reduz a escolarização da criança hospitalizada. Ela busca levar a criança a compreender seu cotidiano hospitalar, de forma que esse conhecimento lhe traga conforto emocional.

A educação, segundo a Constituição Federal de 1988 em seu art. 205 é direito de todos, e assim sendo, é direito da criança e do adolescente terem acesso, mesmo quando impossibilitados de irem a escola. Diante essa realidade deve existir uma articulação dos sistemas de ensino com os sistemas de saúde, onde devem organizar o atendimento educacional especializado, como garante o CNE/CEB Nº 2/2011 no art. 13.

Segundo as Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica, art. 13, § 1º (BRASIL, 2001):

As Classes Hospitalares e o atendimento em ambiente domiciliar devem dar continuidade ao processo de desenvolvimento e ao processo de

aprendizagem de alunos matriculados em escolas da Educação Básica, contribuindo para seu retorno e reintegração ao grupo escolar, e desenvolver currículo flexibilizado com crianças, jovens e adultos não matriculados no sistema educacional, facilitando seu posterior acesso à escola regular.

2 PEDAGOGIA HOSPITALAR: FOCO NO CAMPO DA PESQUISA CIENTÍFICA

No Brasil a pedagogia hospitalar ainda não é uma área muito explorada, assim tornando-se ainda pouco conhecida. Um dos caminhos para que superemos essa fase é através da ciência, que possibilitará conhecer este território ainda pouco estudado.

A palavra ciência de acordo com Galera (2007, p.02) “[...] vem do latim (*scire*) e significa conhecimento, sabedoria. Donde deriva também a palavra *consciência*, conhecer alguma coisa é ter consciência de sua existência”. A partir desta compreensão conseguiremos avançar.

Sendo a ciência o caminho a ser seguido e a pesquisa uma ferramenta utilizada por ela, buscou-se através desse instrumento contribuir no entendimento sobre pedagogia hospitalar investigando sobre grupos que desenvolvem pesquisas nesta área.

De acordo com os dados coletados no PIBIC⁴, grupos de pesquisas científicas voltados a pedagogia hospitalar, ainda são poucos registrados no Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPQ, porém no que refere a eventos científicos já ocorre uma mudança.

Foram catalogados cinco grupos de pesquisa científica em nível nacional vinculados ao CNPQ, na qual a região NORTE possui 2 (dois) grupos de pesquisa situados no estado do Pará, na região NORDESTE 1 (um) grupo situado na Bahia, na região CENTRO OESTE 1 (um) grupo situado no estado de Goiás, na região SUL 1 (um) grupo de pesquisa situado no Paraná e na região SUDESTE não apresenta nenhum grupo.

Dentre os cinco grupos 1 (um) apresenta situação de excluído, 1 (um) de certificado - não atualizado há mais de 12 (doze) meses e 3 (três) com certificado.

As informações acima permitem perceber que pedagogia hospitalar ainda é pouco pesquisada no Brasil. Diante disto, é importante destacar que é através da

⁴ Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica.

pesquisa que se constrói um conhecimento que possibilita uma compreensão sobre o tema, como define Gatti (2012, p.10):

[...] elaborar um conjunto estruturado de conhecimentos que nos permita compreender em profundidade aquilo que, a primeira vista, o mundo das coisas e dos homens nos revela nebulosamente ou sob uma aparência caótica.

No que se refere aos eventos acadêmico-científicos foram catalogados 17 (dezessete) eventos em nível nacional, sendo 3 (três) na região NORDESTE, no estado do Rio Grande do Norte, 2 (dois) na região CENTRO OESTE, no estado do Mato Grosso, 9 (nove) na região SUDESTE, nos estados do Rio de Janeiro e São Paulo, 3 (três) na região SUL, nos estados de Curitiba, Rio Grande do Sul e Blumenau, e na região NORTE nenhum dado foi encontrado até o presente momento.

Outro dado coletado é que os eventos realizados são ofertados, predominantemente, pelas Secretarias Estaduais e Municipais de Educação, universidades, programas de pós-graduação e pesquisadores da área.

Diante do que foi exposto, percebe-se que a região NORTE apesar de possuir grupos de pesquisa referente ao tema, nenhum evento acadêmico-científico foi encontrado, o que se inverte quando olhamos para a região SUL, não apresenta nenhum dado sobre pesquisa científica, porém promove eventos.

3 CLASSES HOSPITALARES NO NORDESTE: O QUE A PESQUISA NOS REVELA...

Os artigos publicados até o momento de Silva e Rabelo (2015); Souza e Wolf (2014); dentre outros, apontam a importância do pedagogo no hospital e sua atuação nos espaços não escolares, no desenvolvimento de atividades com as crianças, principalmente lúdica, visto que a mesma passa por um processo doloroso de tratamento, num ambiente desconhecido e restrito o seu contato com a família e amigos. Sendo necessário criar estratégias para a criação de um momento prazeroso que envolva a brincadeira com a participação dos pais ou acompanhante.

Somando-se a isso, segundo Cavalcante, Guimarães e Almeida (2015), além da criança ter que lidar com a doença e com sentimentos de stress, ansiedade e

ociosidade no período de hospitalização, é indispensável que os hospitais possuam um espaço lúdico para crianças e adolescentes, que permita a elas elevarem a autoestima.

De acordo com o artigo 13 da Resolução CNE/CEB Nº 2, de 11 de setembro de 2001, diz que:

Art. 13. Os sistemas de ensino, mediante ação integrada com os sistemas de saúde, devem organizar o atendimento educacional especializado a alunos impossibilitados de freqüentar as aulas em razão de tratamento de saúde que implique internação hospitalar, atendimento ambulatorial ou permanência prolongada em domicílio.

Para Silva e Oliveira (2016, p. 2):

[...] é necessário pensar em um espaço acolhedor, que venha a ajudar essas crianças a sair um pouco da rotina do hospital, para que possam participar de um mundo colorido, através de atividades pedagógicas: contação de história, pinturas, desenhos, jogo da memória, quebra-cabeça, comemoração de datas festivas, teatro, dramatizações, brincadeiras e musicalização.”

A da lei 11.104, sancionada pelo Presidente da República em 21 de março de 2005, dispõe sobre a obrigatoriedade de instalação de brinquedotecas nas unidades de saúde. Entretanto, com base em dados coletados pelo Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica - PIBIC, intitulado de: Classes hospitalares: desafios contemporâneos da gestão educacional-

Os dados coletados apontam que: na região Nordeste, os estados de Alagoas e Paraíba, não possuem classes hospitalares, o último estado a ser citado é um caso peculiar, pois de acordo com Erika Acioli, professora do curso de Enfermagem da Universidade Federal da Paraíba e que trabalha a temática da hospitalização das crianças com doenças crônicas desde 2008, diz em entrevista ao site do jornal *“Correio da Paraíba”* que há quase 08 anos tenta pactuar um convênio e não consegue, apesar do hospital oferecer estrutura, “[...] o município e o estado mostram dificuldades em darem profissionais que nem precisam ficar o tempo todo lá”.

Maranhão, Sergipe, Ceará e Piauí são os estados em que ambas as páginas oficiais das Secretarias Estaduais e Municipais tanto da Educação quanto da Saúde não possuem informações da existência de classes hospitalares, mas através de artigos e blogs informam que o estado de Sergipe possui classe hospitalar, exceto o Estado do Maranhão.

A prefeitura de Recife criou um convênio com o Instituto McDonald há quase dois anos, tendo um alto investimento em aparelhos tecnológicos como: kits-Lego, tablets, impressoras etc.

Na Bahia, desde 1991 existe uma parceria entre a Secretaria Municipal de Salvador com o Projeto Criança Viva, que segundo o site da Secretaria de Educação, desde 2015 o projeto possui um investimento anual de R\$ 5 milhões de reais. Desde então, o projeto possui 42 professores da rede municipal que atende 14 (catorze) hospitais conveniados, 18 (dezoito) atendimentos em domicílio e quatro casas de apoio.

No Rio Grande do Norte, há três classes hospitalares nas unidades da Rede Municipal de Saúde de Natal, com 6 professores perante responsabilidade da Secretaria Municipal de Educação. De acordo com os relatos dos pedagogos que atuam nos hospitais de Natal em entrevistas publicadas no site da Secretaria Municipal de Educação, o trabalho em geral é considerado muito satisfatório por conseguirem alfabetizar as crianças, e obterem a troca de experiência. Entretanto o trabalho é dificultoso porque não depende só do estado da criança, mas também do humor dela.

Apesar de existirem legislações e portarias reivindicando que as secretarias em parcerias com os hospitais possam garantir que essas crianças recebam atendimento educacional, na prática pouco é executado. Além de não haver divulgação sobre a existência de classes hospitalares na região Nordeste principalmente nas páginas oficiais dos órgãos do Estado, geralmente as informações são encontradas em artigos em que a maioria encontra-se disponível na internet. Resultando no desconhecimento da comunidade sobre pedagogia hospitalar e a importância da atuação do pedagogo nesses espaços.

Os cursos de formação em pedagogia, na maioria dos estados não possuem conteúdos e disciplinas em sua matriz curricular voltada para esse tema.

Para Oliveira e Wolf (2014, p.03), é necessário que, “Em sua formação docente, o pedagogo hospitalar deve ser orientado para saber lida com as especificidades do ambiente hospitalar, pois esse será o seu ambiente de trabalho.” Neste sentido, o pedagogo além de sua formação profissional necessita também possuir conhecimentos básicos de primeiros socorros para situações de emergência.

4 PEDAGOGIA HOSPITALAR: PRÁTICA PEDAGÓGICA

Neste contexto, abordamos as contribuições de Matos e Mugiatti (2009) referente à prática pedagógica dos educadores nos ambientes hospitalares, visto que, as autoras ressaltam a responsabilidade assumida pelos pedagogos, destacando os aspectos interligados com a relação dos mesmos com as crianças ou com os adolescentes hospitalizados.

Nesta perspectiva, notamos tanto nos escritos de Matos e Mugiatti (2009) como nos de Silva e Oliveira (2016), os aspectos voltados para as atividades pedagógicas, nos quais as autoras evidenciam as questões das atividades associadas com a ludicidade.

Destacamos as contribuições de Matos e Mugiatti (2009, p.82) referentes às atividades desenvolvidas nos ambientes hospitalares.

Atividade estas representadas de maneira lúdica, recreativa, como o envolvimento e atividades com música e canções, desenhos e outras tantas possibilidades expressivas e evidenciadas em sua ação do momento em que se encontra e com um planejamento articulado e flexível.

Entendemos que as atividades realizadas nos hospitais abrangem um caráter lúdico, mas que têm uma objetividade em promover a expressividades das crianças ou adolescentes. Buscando por meios delas a integração das crianças ou dos adolescentes hospitalizados.

Pontuando o posicionamento de Silva e Oliveira (2016, p.02) sobre as atividades, as mesmas enfatizam que “Contaçõ de história, pinturas, desenhos, jogo da memória, quebra-cabeça, comemorações de datas festivas, teatro, dramatizações, brincadeiras e musicalizaçãõ”, são as ações que proporcionam a interação das crianças com o auxílio dos educadores.

Percebemos que o atendimento pedagógico nos espaços hospitalares traz essa característica lúdica, mas de acordo com Matos e Mugiatti (2009, p.83) é necessário também ensino escolar continuado, ou seja, no planejamento dos educadores deverão contemplar os conteúdos de acordo com os anos escolares das crianças e dos adolescentes. Para que isto aconteça, é preciso a articulação com as instituições de ensinos que esses sujeitos estão matriculados.

Outro aspecto discutido por Silva e Oliveira (2016) interliga-se com o ambiente onde as ações pedagógicas são desenvolvidas. A este respeito,

salientamos que a lei nº 11.104/2005 evidencia a obrigatoriedade de instalação de brinquedotecas nas unidades de saúde com intuito de favorecer o atendimento pediátrico em regime de internação.

Mediante as questões ponderadas sobre a lei nº 11.104/2005, percebemos a contribuição pedagógica promovida para as crianças/adolescentes, pois a estrutura é modificada, as crianças hospitalizadas passam a transitar por outros espaços, cujo intuito, é a socialização e a interação das mesmas, buscando por meio das atividades pedagógicas a inserção das mesmas.

Sendo assim, Matos e Mugiatti (2009, p.83) enfatizam que “[...] todos têm direito à escolaridade, mas, para isso, é necessário criar as necessárias condições nos grandes hospitais pediátricos ou outros hospitais que tenham crianças/adolescentes em idade de escolarização hospitalizado”. As condições podem ser tanto nos recursos disponíveis como nos espaços utilizados.

As ações educativas são diversas, cabe aos profissionais da educação exercutá-las, mas sabemos que as classes hospitalares ainda não são inseridas em diversos hospitais pediátricos e especificamente no Estado de Alagoas. Sendo desenvolvidos nesses hospitais, projetos vinculados com as universidades públicas, nas quais graduandas do curso de Pedagogia realizam ações educacionais com crianças hospitalizadas.

As possibilidades são diversas no ambiente hospitalar, mas de acordo com Matos e Mugiatti (2009, p. 116) “[...] a ação pedagógica em ambiente e condições diferenciadas como é o hospital, representa um universo de possibilidades para o desenvolvimento e ampliação da habilidade do pedagogo/educador”.

Assim, para compreendemos estas possibilidades, ressaltamos as questões voltadas à formação docente, a qual, segundo Cavalcante, Guimarães e Almeida (2015, p.02) precisa ser revista, pois os pedagogos deveriam ser “preparados para atuar em espaço de educação não formal”.

Aqui mencionamos como espaço não formal os hospitais, pois as autoras enfatizam que a atuação do pedagogo no hospital vai depender do contexto patológico da criança e do tipo de oferta do hospital.

Para compreendemos este aspecto do tanto da atuação dos educadores como do currículo voltado para as atividades que serão desenvolvidas pelos os mesmos nas classes hospitalares, ressaltamos a afirmação de Silva e Rabelo (2015,

p.30259) “as atividades desenvolvidas [...] se focam no desenvolvimento integral da criança envolvendo conteúdos do currículo escolar voltado para as áreas de conhecimento da Educação Infantil e do Ensino Fundamental”.

Nesta perspectiva, notamos que a atuação do pedagogo/educador é uma característica que precisa ser discutida, pois na formação docente essa preparação para a atuação nos ambientes não formais não é contemplada como deveria. As leis abrangem os respaldos para a obrigatoriedade dos ambientes adaptados para o desenvolvimento do atendimento pedagógico, trazendo o destaque da educação como direito de todos e dos amparos vinculados nas leis.

Mas, no viés formativo, os educadores na sua formação inicial para a atuação em algumas áreas, como por exemplo, na pedagogia hospitalar, trazem limitações, pois não é apenas desenvolver as atividades pedagógicas e sim compreender todo um contexto, que se interliga com a educação e a saúde.

Mediante a este posicionamento, destacamos a seguinte afirmação de Cohen e Melo (2010, p.316) “[...] o professor hospitalar passa a ter uma proximidade em relação ao aluno-paciente e a acompanha a nova rotina do aluno permeada pela doença e o tratamento”. É preciso certa sensibilidade para promover o desenvolvimento integral das crianças hospitalizadas.

Pontuamos outro fator primordial das classes hospitalares, vinculadas com a prática pedagógica, mencionada por meio dos embasamentos de Cohen e Melo (2010, p.317):

Para garantir um caráter escolar no espaço hospitalar faz-se necessário não apenas a figura do professor, mas também a relação entre a vivência escolar e o que seria a função da escola de origem na percepção dos sujeitos-crianças.

Por fim, a presença do educador nos ambientes hospitalares é necessária e, no estreitamento das relações escola e hospital, o que sempre deve ser levado em consideração o ensino-aprendizagem e o bem-estar das crianças hospitalizadas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar de ser um tema pouco explorado, as poucas pesquisas que possuem sobre pedagogia hospitalar ressaltam a importância de ter um pedagogo atuando nesses espaços, para oportunizarem atividades e brincadeiras lúdicas educacionais

e não educacionais, possibilitando aos pacientes ações divertidas que proporcionam alegria e refúgio, o que fortalece as crianças e adolescentes a enfrentarem o tratamento de forma mais “leve”, pois, segundo os autores citados afirmam que o hospital é um espaço qual a criança ou adolescente internado ficam tristes, cansados e muitos até mesmo sem esperança de que se curem, tais sentimentos são reflexos de um tratamento doloroso, que lhe afastam do convívio social, sentindo-se muitas vezes isolados, mesmo com a presença de familiares, o que de fato não se compara com a sua vida social antes do diagnóstico.

Apesar da pedagogia hospitalar vim sendo mencionada desde 1950, ainda pouco se avançou em sua compreensão, o que acaba se refletindo na ausência do pedagogo nos espaços hospitalares, e para que de fato se possa ampliar esse entendimento a participação das universidades através de projetos nesses locais ampliam para a sociedade a importância de que esses profissionais estejam presentes nesse ambiente, ou seja, através da socialização da universidade através de fóruns, mesas de discussões e produções científicas, acaba por consequentemente esclarecer a sociedade em geral o que é pedagogia hospitalar e como consequência cobrar do Estado brasileiro que políticas eficazes que possibilitem a implementação dessas classes hospitalares, o que já consta em diversas legislações de nosso país.

REFERÊNCIAS

CAVALCANTE, Myrian Soares de Moraes; GUIMARÃES, Valéria Maria Azevedo; ALMEIDA, Synara do Espírito Santo. **Pedagogia Hospitalar: Histórico, papel e mediação com atividades lúdicas.** In: XI Encontro Internacional de Formação de Professores (enfope). 1, 2015, Sergipe. **Anais.** Disponível em: <<https://eventos.set.edu.br/index.php/enfope/article/view/1261/58>>. Acesso em: 19 de outubro de 2018.

COHEN, Ruth Helena Pinto; MELO, Amanda Gonçalves da Silva. **Entre o hospital e a escola: O câncer em crianças.** Revista Estilos da Clínica. São Paulo. V. 15 n. 2, dez. 2010. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/estic/article/view/46093>> Acesso em: 16 de novembro de 2018.

GALERA, Joscely Maria Bassetto. **Epistemologia e Conhecimento Científico: Refletindo sobre a construção histórica da ciência através de uma docência**

investigativa. Revista Tecnologia & Humanismo. 2007. Disponível em: <<https://revistas.utfpr.edu.br/rth/article/view/6432>> Acesso em: 17 de novembro de 2018.

MATOS, Elizete Lúcia Moreira; MUGIATTI, Margarida Maria Teixeira de Freitas. **Pedagogia Hospitalar: A humanização integrando educação e saúde**. 4 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

OLIVEIRA, Tyara Carvalho de. **Um breve histórico sobre as classes hospitalares no Brasil e no mundo**. In: XI Congresso Nacional de Educação (EDUCERE). 11, 2013, Curitiba. **Anais**. Disponível em: <http://educere.bruc.com.br/ANAIS2013/pdf/9052_5537.pdf>. Acesso em: 19 de outubro de 2018.

SILVA, Claudiana Martins da; OLIVEIRA; CRUZ, Maria de Fátima Santos da. **Pedagogia Hospitalar: Práticas dos profissionais na pediatria do Hospital de Urgência de Sergipe**. Disponível em: <https://portal.fslf.edu.br/wp-content/uploads/2016/12/tcc_07-2.pdf>. Acesso em: 19 de outubro de 2018.

SILVA, Marilize de Moraes; RABELO, Francly Sousa. **Projeto de Extensão Estudiar, uma ação saudável**: Análise da contribuição da pedagogia hospitalar no cotidiano das crianças internadas no hospital universitário de São Luís de Maranhão. In: XII Congresso Nacional de Educação (EDUCERE). 10, 2015, Curitiba.

SOUSA, Francisca Maria de; WOLF, Rosângela Abreu do Prado. **Escola Hospitalar**: Proposta de uma prática pedagógica ao escolar hospitalizado no Estado do Piauí. In: XVII Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino (ENDIPE). 17, 2014, Fortaleza. **Anais**. Disponível em: <<http://www.uece.br/endipec2014/ebooks/livro3/225%20ESCOLA%20HOSPITALAR%20PROPOSTA%20DE%20UMA%20PR%20C3%81TICA%20PEDAG%20GICA%20AO%20ESCOLAR%20HOSPITALIZADO%20NO%20ESTADO%20DO%20PIAU%20C3%8D.pdf>>. Acesso em: 19 de outubro de 2018.